

XII Encontro Rural RePort

Ruralidade(s) e Ambiente na Longa Duração

31 de Outubro de 2024, Universidade de Évora, Casa Cordovil

O fogo e os incêndios nas Serras de Monchique e de Lapa e Nave: acelerações e dissonâncias temporais

Joana Sousa (CES - UC), Marta Silva (IHC - NOVA FCSH / IN2PAST)

Incêndios que sobem velozmente as serras, chamas imprevisíveis e ventos fortes que transportam o fogo de uma colina para a outra, são algumas das descrições acerca da aceleração dos incêndios nas serras de Monchique e de Lapa e Nave – dois territórios montanhosos em Portugal que apresentam regimes de fogo distintos. As inquietações sobre as quais lemos e ouvimos falar, e aquelas acerca das quais incide a nossa apresentação, decorrem do levantamento arquivístico e do trabalho empírico conduzido por uma equipa multidisciplinar no âmbito do projeto de investigação FIREUSES - “Paisagens de fogo: Uma história política e ambiental dos grandes incêndios em Portugal (1950-2020)”. No quadro desta investigação que visa historicizar os fogos, ouvimos pessoas que se ocupam da agricultura, silvicultura, pastorícia, supressão de incêndios, entre outras atividades que assentam numa relação com o território. Além da aceleração do próprio fogo, as pessoas que encontrámos falaram-nos também de outras acelerações que com ele se relacionam: a expansão de plantações e o rápido brotar de plantas de certas espécies após o incêndio; o movimento, luzes e sirenes de carros, tanques e helicópteros, as câmaras e *drones* que documentam as chamas; a produção de relatórios, decretos e contratos para prevenir e suprimir incêndios. Esta dinâmica veloz substituiu os fogos lentos do passado e as paisagens que o fogo ajudou a construir através das roças e queimadas agrícolas, da pastorícia, da destilação e da extração da resina. O fogo saltou de um quadro temporal marcado pelas estações do ano, que permitia a reprodução de modos de controlo do fogo com terra e enxadas, e tem vindo a enraizar-se num imediatismo performativo dependente da água, da maquinaria e da tecnologia digital. Em dissonância com estas acelerações, experiências de lentidão dos programas de compensação de perdas e danos são relatadas pelas pessoas que encontrámos, a prevenção fica por realizar de forma convincente e os traumas permanecem por superar. Ao mesmo tempo, os usos políticos do fogo acabam por agravar os efeitos do novo ritmo dos incêndios florestais e por contribuir para as narrativas acerca de uma economia do fogo que parece fortalecer-se a cada grande incêndio.

Fires and wildfires in the Monchique and Lapa and Nave mountains: accelerations and dissonances

Joana Sousa (CES - UC), Marta Silva (IHC - NOVA FCSH / IN2PAST)

Fires speeding up the mountains, unpredictable flames and strong winds that carry the fire from one hill to the next are some of the descriptions of the acceleration of fires in the Monchique and Lapa and Nave mountains - two mountainous territories in Portugal that have different fire regimes. The concerns we've read and heard about, and those on which our presentation focuses, are the result of archival research and empirical work carried out by a multidisciplinary team as part of the FIREUSES research project - 'Burning landscapes: A political and environmental history of the large wildfires in Portugal (1950-2020)'. As part of this research, which aims to historicise fires, we heard from people involved in agriculture, forestry, pastoralism, fire suppression, among other activities that are based on a relationship with the territory. In addition to the acceleration of the fire itself, the people we met also told us about other accelerations that are related to it: the expansion of plantations and the rapid sprouting of plants of certain species after the fire; the movement, lights and sirens of cars, tanks and helicopters, the cameras and drones that document the flames; the production of reports, decrees and contracts to prevent and suppress fires. This fast-paced dynamic has replaced the slow fires of the past and the landscapes that fire helped to build through agricultural ploughing and burning, pastoralism, distillation and resin extraction. Fire has leapt out of a temporal framework marked by the seasons, which allowed for the reproduction of ways of controlling fire with earth and hoes, and has taken root in a performative immediacy dependent on water, machinery and digital technology. In dissonance with these accelerations, experiences of the slowness of loss and damage compensation programmes are reported by the people we met, prevention remains to be carried out convincingly and traumas remain to be overcome. At the same time, the political uses of fire end up aggravating the effects of the new pace of forest fires and contributing to narratives about a fire economy that seems to grow stronger with each large fire.